

OS CAFÉS DE PORTO ALEGRE: UMA TOPOANÁLISE EM *OS RATOS*

PORTO ALEGRE COFFEE SHOPS: A TOPOGRAPHIC ANALYSIS OF *OS RATOS*

Luana Noletto*
Oziris Borges Filho**

Resumo: O romance *Os Ratos* do escritor Dyonélio Machado é composto por diversos espaços que são fundamentais para o desenvolvimento da narrativa. Os cafés têm grande relevância, pois são espaços bastante visitados pelo protagonista, Naziazeno, que passa o dia à procura de dinheiro para quitar uma dívida. Por serem espaços onde se configuram encontros entre amigos e negociações, a análise dos mesmos faz-se essencial para compreender as relações sociais descritas na obra. Apresentamos, portanto, este estudo como expansão da comunicação oral apresentada no IV JOEEL que foi realizado na Escola Superior de Educação de Viseu / ESEV e é também capítulo da dissertação de mestrado "Identidade e Espaço Literário: Um Estudo da Obra *Os Ratos*, de Dyonélio Machado", desenvolvida no Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Goiás / UFG – RC e tem como objetivo apresentar, analisar e concluir a relevância dos espaços sociais, os cafés, e os efeitos que estes espaços causam nas ações das personagens da obra. Para tanto, utilizamos como base os estudos de Bakhtin (2011), Borges Filho (2007), Santos (2002), entre outros.

Palavras-chave: *Os Ratos*; Cafés; Espaço.

Abstract: The novel *Os Ratos* by Dyonélio Machado consists of various spaces that are essential for the development of the narrative. Coffee shops have great relevance; therefore they are spaces widely visited by the main character, Naziazeno, who spends the day looking for money to pay off a debt. Because they are spaces where meetings between friends and negotiations take place, analyzing is essential for understanding the social relations described in the work. We present, therefore, this study as an extension of the oral communication presented in the IV JOEEL which was carried out at Escola Superior de Educação Viseu / ESEV and is also the chapter of the master dissertation "Identity and Literary Space: A Study of *Os Ratos*, by Dyonélio Machado", developed in the Masters Program of Language Studies in the Federal University of Goiás/UFG - RC and aims to present, analyze and conclude the relevance of social spaces, the coffee shops, and the effect that these spaces cause in the actions of the characters in the work. To do so, we use as basis the studies of Bakhtin (2011), Borges Filho (2007), Saints (2002), among others.

Keyword: *Os Ratos*; coffee shops; Space.

* Mestranda em Estudos da Linguagem pela UFG – RC, com bolsa de estudos da CAPES. Contato: noleto.luana@gmail.com

** Professor Dr.º do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem UFG – RC. Contato: oziris@oziris.pro.br

O romance de Dyonélio Machado, *Os Ratos*, relata acontecimentos de um dia na vida de um funcionário público porto-alegrense cuja principal preocupação é conseguir dinheiro para pagar o leiteiro.

O livro inicia-se com a chegada do leiteiro à porta da casa de Naziazeno e o escândalo causado por ele ao perceber que o pai de família não teria dinheiro para quitar a dívida, com isso, resolve pressionar o homem a buscar por recursos o mais breve possível.

Diante da esperança em encontrar uma solução e evitar o corte do fornecimento de leite, Naziazeno Barbosa sai às ruas de Porto Alegre em busca de dinheiro, uma ajuda, um empréstimo, um adiantamento do pagamento, qualquer solução que pusesse fim à agonia que se instalara em sua casa após a visita do leiteiro. Nessa busca, a personagem sofre emoções que a fazem sentir as influências dos espaços, em que vive, na própria dinâmica da vida.

O objetivo de conseguir o dinheiro para o leiteiro torna-se a principal preocupação do funcionário público que se mobiliza em direção a diversos lugares e pessoas conhecidas. Essa situação é algo constante em sua vida, por isso a certeza de que conseguirá uma solução fora de casa.

Ao sair de casa, Naziazeno pega um bonde que o levará ao centro da cidade. Lá está a solução. Morando em um “arrabalde” só lhe restava o deslocamento para o centro da cidade. Cabe aqui uma observação a respeito da crítica social exposta no romance, o centro é tratado na obra como “a cidade”, o desenvolvimento social, a economia e as relações públicas se dão no centro e, dado o desenvolvimento deste espaço, toda a cidade é reduzida ao centro.

Enquanto ainda estava no ponto em que esperava o bonde, Naziazeno sofre as consequências do dramático episódio com o leiteiro. Ele se sente repreendido pelas pessoas que assistiram o falatório do leiteiro e notaram sua negligência quanto ao pagamento e, mesmo que tenha saído do bairro em que mora, tem a sensação de levar consigo toda a angústia que sentiu no momento conflituoso na porta de sua casa.

A campanha do bonde provoca pensamentos em Naziazeno e isso resulta na

transgressão mental que ele faz o tempo todo na tentativa de imaginar como concluirá seu dia: conseguirá ter resolvido o problema? Terá dinheiro para pagar o leiteiro? Como resolverá este dilema? Terá alguma solução? Todas essas questões que podemos deduzir das divagações de Naziazeno são provocadas pela memória involuntária causada pelo gradiente sensorial da audição, a campainha.

Após enfrentar todo o constrangimento na porta de casa, o medo de ser identificado como um mal pagador no bonde, e o receio em andar pelo bairro em que mora, Naziazeno finalmente chega ao local em que imagina conseguir qualquer ajuda, o café. Os cafés daquela época eram espaços de socialização onde os homens se reuniam para tratar de negócios, conversarem com os amigos, passarem o tempo ou mesmo dividirem as angústias com aqueles que poderiam de uma forma ou de outra ajudar.

Sobretudo, os cafés eram também espaços onde os homens confidenciavam as fraquezas e erros cometidos. Naziazeno buscava por um espaço onde pudesse ser compreendido e não julgado. Inicialmente, procurava pelo café onde Duque costumava ficar, além de se refugiar dos olhos do povo de seu bairro, estaria aliado a pessoas que de um modo ou de outro teriam erros e defeitos semelhantes visto que não pagar o leiteiro e compartilhar ações de jogo por dinheiro como o “jogo do bicho” que acontecia nos cafés e práticas agiotas eram reconhecidamente ações de desprezo por parte da comunidade.

Sobre tal aproximação de Naziazeno ao centro e principalmente aos cafés, que eram espaços de negociações ilegais, mencionamos o trecho que o pesquisador José Antonio Cavalcanti da universidade UFRJ em seu artigo “Na Cidade dos Homens Invisíveis” (2008) investiga o hábito de Naziazeno e seus amigos manterem os cafés como ponto de encontro.

Se *Os ratos* não pode ser considerado um texto policial, não deixa de alimentar-se de uma forte tensão psicológica que produz uma espécie de suspense — afinal, na ótica dos detentores dos recursos financeiros, uma dívida é um delito imperdoável e a punição equivale àquela aplicada ao criminoso comum: ambas representam formas de exclusão social. (CAVALCANTI, 2008, p. 12)

Era o que Naziazeno buscava, além de um descanso para pensar melhor em como resolver o infortúnio com o leiteiro, esperava naquele local encontrar algum amigo que se comovesse com sua situação e o ajudasse de alguma forma.

Ao descer do bonde, impulsivamente Naziazeno se direciona para o café do

mercado, que avista. Lá, como dissemos, espera refrescar a mente e organizar os pensamentos de modo que encontre uma solução para quitar a dívida. Chegando neste novo espaço conclui:

Pouca gente, caras “novas”. É que é cedo. Não contava com isso. Todos os consumidores têm um ar grave e matinal; tomam café com leite com cara ainda estremunhada, o chapéu repousando numa cadeira, o olhar nos aspectos agradáveis da rua. (MACHADO, 1930, p. 19)

A primeira frase deste excerto revela que o tormento de Naziazeno vai além de simplesmente pagar o leiteiro, para ele era importante que nenhum conhecido cruzasse seu caminho para não se sentir julgado ou envergonhado diante de alguém que conhece sua realidade e sabe de sua dívida, então um espaço com “pouca gente, caras ‘novas’” (Machado, 1935, p.19) seria o espaço ideal para que pudesse refletir e relaxar.

A importância dada aos conhecidos é tanta que Naziazeno passa a enxergar a vida de outra maneira. Há pouco se preocupava com os conhecidos no bonde e se sentia acuado diante dos olhares, agora, no café em que não conhece ninguém, concentra “o olhar nos aspectos agradáveis da rua” (Machado, 1935, p. 19). Percebe-se, portanto, que as alterações emocionais de Naziazeno se dão a partir do espaço a que está inserido e as opiniões deste homem refletem no modo como ele vê o espaço que o circunda.

Desse modo, concluímos que o exemplo representa a simultaneidade entre sentimento e espaço, a personagem se sente aflita, o espaço não tem destaque, realce ou beleza, quando o espaço proporciona conforto, desperta também a personagem para reconhecer sua grandeza.

Os cafés da década de 1930 eram os pontos mais badalados de encontro da sociedade de Porto Alegre. Na obra de Dyonélio, essa referência é dada através da personagem que vê como refugio este estabelecimento nos momentos em que se vê indeciso ou sem direção.

Para “encher” esse tempo que lhe falta, há uma alternativa: sentar na praça, entrar no café. Sentar num banco da praça é *esfriar*, perder aquele “impulso”. O café é o rebuliço. Pra o café, pois. (Machado, 1935, p. 21)

A expressão “o café é o rebuliço” (Machado, 1935, p.21) confirma o conceito de café como espaço social de encontro. Ao mesmo tempo em que Naziazeno

reconhece a movimentação deste espaço, parte em direção a ele, pois sabe que em meio à multidão conseguiria superar aquilo que por hora o atormentava, o tempo. O espaço do café movimentado, cheio de pessoas de falas o ajudaria passar o tempo até que decidisse finalmente procurar o diretor da repartição em que trabalha.

Assim, temos neste trecho, como em toda a narrativa que se passa em vinte e quatro horas, a interseção de tempo e espaço. As duas lógicas se cruzam no romance, a busca pelo espaço agora se torna também a busca pela passagem do tempo. Desse modo, relembramos o que diz Bakhtin em seu livro *Estética da Criação Verbal* no capítulo em que analisa e intitula *O tempo e o espaço nas obras de Goethe*.

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (BAKHTIN, 2011, p. 225)

De acordo com a teoria de Bakhtin, Naziazeno promove a leitura do tempo ao tomar a decisão de ir para o café. Embora soubesse que naquele espaço não conseguiria se concentrar em razão do “rebuliço” da agitação de pessoas, sabia também que, estando lá, conseguiria “encher’ esse tempo” (Machado, 1935, p. 21). Assim, o espaço se tornaria a solução para enfrentar o tempo que teria que esperar até poder falar com o diretor da repartição.

No entanto, apesar de estar certo de que ir para outro café lhe faria eliminar um tempo que estava lhe corroendo a esperança, Naziazeno teve um fluxo de consciência que o remeteu às consequências de se frequentar o espaço que pretendia. Estar em um café significaria gastar o dois últimos “tostões” que lhe restara.

Do café do mercado a esse outro café, foi-se-lhe boa parte da prudência, bem nota ele. A cautela de poupar dois tostões, a possibilidade de se tirar de dificuldades com dois tostões não são dele (isto é que é exato): é *plano* do Duque. (MACHADO, 1935, p. 21)

Percebemos mais uma vez a influência do tempo sobre o espaço. No tempo que levou para percorrer até o segundo café, Naziazeno decide mudar seu percurso, o café agora não é mais um espaço que lhe traria a paz, mas onde poderia gastar o último dinheiro que lhe restara e que mais adiante poderia fazer falta. Pensa ainda no amigo Duque que sempre tem discernimento para resolver suas flagelações.

Naziazeno então conclui que o melhor a se fazer é ir direto para a repartição ao encontro do diretor, nesse percurso uma certeza lhe é dada, o tempo passou, já não há mais tempo pro café. O espaço proposto na narrativa, o café, é então substituído em razão do tempo.

Naziazeno vai para a repartição e procura pelo diretor, mas ele não pode atender, pois está na secretaria e de lá não retorna até que Naziazeno perde a paciência e vai à procura do Duque. Em suas divagações, o funcionário público reflete sobre a abordagem que fará ao Duque, e isso lhe causa receios: “Parece-lhe mais digno pedir, exhibir uma pobreza honesta, sem expedientes, sem estratégias. Entretanto quando reflete no trabalho do Duque, acha- superior, superior sobretudo como esforço, como combate” (Machado, 1935, p. 29)

Vendo-o como um homem bem sucedido e de boa condição financeira, Naziazeno envergonha-se de falar com o amigo e expor sua condição de devedor.

Duque é frequentador fiel de um outro café, no mercado da esquina, é lá que ele negocia seus penhores e realiza os seus negócios.

Encaminha-se para o mercado, para esse café da esquina, de que o Duque fez o seu campo de ação, a sua “bolsa”. Já sabe a pergunta que o Duque vai dirigir-lhe, a primeira: se não tem nada pra empenharem. É por onde o Duque começa. Depois, pouco a pouco, o seu plano vai tomando corpo, tomando vulto, até que chega a um resultado. Ele deposita muita esperança no Duque, mesmo muita! (MACHADO, 1935, p. 29)

O trecho supracitado reafirma a ideia de que os cafés daquela época eram muito mais que um espaço de confraternização, eram espaços de negociações. Os homens da época, bem como Duque, utilizavam esse espaço como espécie de escritório e a certeza de que Duque estaria no café para suas negociações do dia era tão firme que o hábito de frequentar o café ocasionou o apelido do lugar, “café do Duque”.

Já pôs o pé na calçada do mercado. O “café do Duque” fica na esquina. Toda essa calçada é uma sombra fresca e alegre, cheia de passos, de vozes. Quando defronta o portão central, abre-se-lhe, lá dentro, uma perspectiva de rua oriental, cheia de bazares, miragem remota de certas gravuras... ou de certas fitas... que viu. (MACHADO, 1935, p. 30)

Em “sombra fresca e alegre” podemos verificar a empolgação de Naziazeno ao aproximar-se do café onde Duque estaria. A sombra indica o fim da correria posta

na esperança que Naziazeno tem em conseguir um empréstimo com Duque e a alegria exalada naquele entorno indicava o quão perto da solução Naziazeno estaria. São representações das sensações da personagem diante daquilo que estava prestes a fazer, falar com Duque resolveria seu o problema que desde cedo vinha lhe consumindo.

A decoração do espaço com figuras orientais que remetem a bazares e fitas lembra um bairro comercial em que os comerciantes têm talento e sucesso financeiro. Ao simples fato de se aproximar do café em que encontraria Duque, Naziazeno tem a sensação de que também poderia desfrutar daquele primor financeiro.

O que Naziazeno não imaginava neste momento é que no mesmo café em que se poderia ganhar, também se poderia perder e, ao aguardar a chegada de Duque, que estava estranhamente atrasado, foi abordado por Alcides que o pressiona a gastar os dois tostões que reservara num primeiro momento. “_ Vem me pagar um café. _ e Alcides arrasta-o para dentro” (Machado, 1935, p. 31).

Neste trecho da fala de Alcides, retomamos um conceito já tratado neste trabalho, as coordenadas espaciais. Alcides puxa-o para dentro do café e agora Naziazeno não mais contempla a rua, vive certa tensão dentro do café.

Havia momentos a conversa tinha esfriado. Alcides, à sua frente, olha, longe, a rua. Naziazeno acompanha, meio furtivamente, os gestos do Carvalho, que se prepara para sair. Já tirou o *por-monnaie* do bolso de trás das calças, torcendo-se um pouco; tornou a coloca-lo onde estava, depois de o examinar com o olho bem metido dentro dele, e puxou uma cédula dum dos bolsos do lado da calça, torcendo-se ainda mais. O garçõ, a seu lado, sereno, mas com um certo grau de impaciência latente, faz rapidamente o troco, mal lhe cai o dinheiro nas mãos. Vai tirando as moedas de vários bolsos e depondo-as no mármore da mesa. Carvalho, a cabeça baixa *confere*, separando-as com um dedo moroso. Recolhe o resto. Pega a bengala e dos jornais que colocara numa cadeira ao lado e se levanta, relanceando um olhar pelo café olhar que vem “ferir” o rosto de Naziazeno, que estremece, como se um jato de holofote subitamente o iluminasse. Desvia precipitadamente a cara; põe-se a olhar o Alcides. A figura porém do Carvalho avança pouco a pouco a franja do seu campo visual; é apenas um vulto negro alto, avançando cadenciadamente. Seus passos soam já.... Naziazeno mantém o pescoço duro... Qualquer relaxamento de músculos põe-no cara a cara com o outro... Está começando a sentir um calor no rosto... Os passos são mas sonoros... Alcides volta-se lentamente para trás, na direção dele... (MACHADO, 1935, p. 32)

Nesse excerto, verificamos a perturbação de Naziazeno diante da agitação dentro do café, o que antes na calçada era calma e símbolo de descanso, agora

tornou-se tensão e caos, pois, a partir do funcionamento do local, o corre do garçom e a preparação do cliente para sair do local, Naziazeno se viu como um ser estranho naquele espaço. A problemática de estar ali ia muito além de um simples desconforto, mas atingia a preocupação de deixar aquele local sem nem mesmo ter dinheiro para pagar o café que Alcides o coagiu a pagar.

A descrição das atividades dentro do café enfatizam a mudança de estado emocional de Naziazeno que, pelas ruas da cidade, caminhava tranquilo, calmamente esperando o momento em que finalmente teria a oportunidade de se encontrar com Duque e concluiu sua saga pelo dinheiro.

No café, Naziazeno tem uma segunda preocupação que é a de perder o pouco dinheiro que guardara no bolso e estar ali naquele espaço onde muito prontamente o garçom cumpriria seu papel de oferecer-lhes uma despesa o colocava na mesma situação de quando saiu de casa. A mesma preocupação anterior por dinheiro agora se acentua com total vigor e com mais ansiedade, já que não poderá sair dali sem deixar algum tostão.

O Duque não aparece mesmo. Naziazeno experimenta outra vez aquela sensação de amargura e de náusea no meio do peito.

_ Vou me chegando para a repartição. O Duque não vem mais.

Leva a mão ao bolso. Tira os níqueis. É uma moeda e quatrocentos réis e uma de tostão. Deposita os quatrocentos réis no tampo da mesinha. Com o tostão entre os dedos, hesita um instante, depois joga - o também para cima da mesa.

_ Vamos?

Ergue-se lentamente, seguindo Alcides. À porta, ainda relanceiam o olhar pra um lado e outro, procurando.

_ Você não quereria dar uma espiada nos cafés do centro _ pergunta-lhe o amigo.

_ Podemos, _ E põem-se a andar. A manhã está quase perdida, vai refletindo Naziazeno. (MACHADO, 1935, p. 34 - 35)

Adicionada à tensão de não ter dinheiro para custear os gastos dele e do amigo no café, Naziazeno ainda se frustrava com a demora do Duque. A certeza de que Duque chegaria foi se liquidando, e o desespero aparentava em sua face quente e em sua postura desajeitada, mesmo porque o tempo da manhã já se esgotava e Naziazeno não tinha nenhuma noção de como conseguiria o dinheiro.

Toda a experiência vivida no café fez com que Naziazeno passasse por um momento de *topofobia*, a ansiedade em lidar com a ausência de Duque, a postura do garçom e dos fregueses que movimentavam o local e a angústia de gastar o pouco dinheiro que carregara no bolso fizeram com que Naziazeno procurasse uma única

alternativa, retirar-se.

Ao sair do café, Naziazeno retorna às ruas onde sentiu emoções opostas às vividas no interior do estabelecimento. Agora “põe-se a andar” (Machado, 1935, p. 35) o *flâneur* agora se sente à vontade, em liberdade e novamente à procura de Duque.

Segundo Cavalcanti:

Na obra de Dyonélio Machado as tavernas são os cafés e a gente esquiva é toda a espécie de agiotas e indivíduos que ganha a vida à custa da miséria alheia. Apesar de também ser uma área de sombra e penumbra, não produz a boêmia ou qualquer outra prática social que usa o escuro apenas para realçar o brilho e o magnetismo de formas antípodas do trabalho alienado. O mundo de Naziazeno e seus parceiros é dotado de espessa opacidade, sem visibilidade, sem legibilidade, sem legitimidade. Na penumbra onde vivem passam o tempo todo tramando estratégias de sobrevivência à semelhança de pequenas conspirações do cotidiano. (CAVALCANTI, 2008, p. 12)

O trecho de Cavalcanti define a necessidade da busca por Duque pelos cafés da cidade. Naziazeno deseja um empréstimo, um “jeitinho” dado por Duque a fim de solucionar seu problema, porém mesmo não o encontrando no café em que é acostumado estar, Naziazeno e Alcides decidem procurá-lo em outros cafés da cidade.

De acordo com Cavalcanti (2008) os cafés eram os locais de encontro dos agiotas e sendo Duque um deles, não estaria em outro espaço da cidade. Naziazeno tem convicção de que Duque ganha dinheiro de forma irregular, porém admira-o pela competência em estar sempre em dia com suas obrigações e nunca ter demonstrado nenhum aperto financeiro.

Dessa forma, verificamos que os espaços dos Cafés são de suma importância na construção do romance *Os Ratos*. Nos Cafés, temos os encontros e as negociações, o social e o econômico. Neles, parte da população, que se mostra no romance, extravasa seus desejos, seus anseios, suas negociações e, até, seus amores. Os Cafés são, por excelência, um espaço de encontros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cafés são espaços sociais que transpõem certa intimidade dada à composição amigável e à finalidade de se encontrar os amigos. Este espaço foi abordado também aliando as vertentes da Topoanálise e da Identidade, pois, além de

uma observação descritiva e analítica do espaço, observamos a composição crítica das personagens que frequentam tais espaços. Desse modo, foi possível constatar, sobretudo, os princípios básicos de caráter e identidade das personagens.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e Literatura**: introdução à toponálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BORGES FILHO, Oziris. **Poéticas do espaço literário**. São Carlos: Clara Luz, 2009.

CAVALCANTI, J. A. **Na cidade dos homens invisíveis**. Travessias (UNIOESTE. Online), v. 2, p. 1-14, 2008.

MACHADO, Dyonelio. **Os Ratos**. São Paulo: Ática, 1992.

SANTOS, Milton. **A natureza no espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.